

# Ensinamentos da Antropologia Visual: experiência docente na graduação<sup>1</sup>

José Muniz Falcão Neto - AVAEDOC/UFPB

## Resumo

Palavras - chave: Antropologia Visual, formação, docência, graduação

## Introdução

Numa trajetória e relação difícil (Novaes, 2009) a antropologia e a imagem produziram diversos saberes no âmbito das Ciências Sociais, gerando discussões epistemológicas, estéticas, técnicas, culturais e etnográficas. Nas últimas décadas foram criados vários laboratórios de antropologia visual no Brasil, que propuseram-se trabalhar a fotografia e o cinema na etnografia (Eckert; Rocha, 2016; Peixoto, 1995, 2019). A formação destes grupos e laboratórios de pesquisa foram de grande importância no desenvolvimento da própria antropologia brasileira, pois eles iniciaram as discussões teóricas e metodológicas das imagens nas pesquisas sociais (Banks, 2009) em território nacional.

Fruto destas intersecções é o grupo de pesquisa AVAEDOC (Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários) localizado na UFPB cidade de Rio Tinto, que desde 2009 contribui com inúmeras pesquisas na região do vale do Mamanguape. Integrante deste grupo de pesquisa, graduado em Antropologia pela UFPB campus Rio Tinto com habilitação em Antropologia Visual e mestre em Antropologia pela mesma instituição, participo do concurso para professor substituto da UFPB campus Rio Tinto, edital nº 72 de 18 de julho de 2019, classificado e aprovado para suprir a vaga específica de um docente da Antropologia Visual, ministrei duas disciplinas *Introdução à Etnodocumentação* e *Antropologia Brasileira*.

Nesta direção, o objetivo deste trabalho é traçar um panorama da formação antropológica num campus do interior da Paraíba, especificamente, da Antropologia Visual e suas potencialidades na formação antropológica e pedagógica. Portanto, pretendo apresentar a experiência da docência no curso de bacharel em Antropologia, expondo os estudos desenvolvidos no plano de aula (discussões de textos, fotografias e filmes) com as(os) discentes na disciplina de *Introdução à Etnodocumentação*, os quais no final do curso como

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

nota final da disciplina, produziram 12 ensaios visuais de diferentes contextos sociais e culturais do vale do Mamanguape - PB.

### **Uma breve história da antropologia e imagem**

Em seu tempo de existência a Antropologia passou por diversas transformações teóricas e metodológicas. Foi no final do século XIX com os primeiros teóricos do Evolucionismo Frazer, Morgan e Taylor, que a antropologia começa a descrever as culturas humanas na tentativa de entender os diferentes grupos humanos<sup>2</sup>, contudo, é no começo do século XX que a disciplina dá seus passos nas reflexões e compreensão do 'outro' pelo viés do relativismo cultural. Foi com o pioneirismo de Franz Boas (1893) e sua pesquisa de campo e a perspectiva da observação participante de Bronislaw Malinowski (1922) que a ciência antropológica se estabelece enquanto ciência na quebra dos paradigmas etnocêntricos e no conhecimento das alteridades (Laplatine, 2003), contribuindo para a formação das escolas antropológicas<sup>3</sup> e os estudos etnográficos em diferentes contextos.

Paralelamente, algumas técnicas de registro vinham sendo desenvolvidas por grandes inventores e curiosos no início do século XX, a fotografia e posteriormente o cinema, são as grandes inovações tecnológicas realizadas pela revolução industrial. A possibilidade de registro imagético pelos aparelhos foi uma grande novidade para a época. Até então a representação se dava através da pintura, mas com as inovações tecnológicas dos irmãos Lumière, Niepce, Félix Regnault, Edson, Méliés, Marey e Bernard Palissy, entre outros responsáveis pela invenção da fotografia e do cinema, se foi possível a representação e o registro pela máquina fotográfica e cinematográfica (Jordan, 1995). Neste caminhar paralelo entre a técnica de registro e o fortalecimento da ciência antropológica, arte e ciência vão se aproximando e a câmera tornando-se suporte das pesquisas das(os) antropólogas(os).

Além do caderno de campo, as(os) cientistas sociais começaram a levar câmeras para as expedições podendo registrar as diversas culturas humanas. Foram com as primeiras viagens que iniciaram um levantamento de coleções etnográficas, museus audiovisuais, fotografias e filmes (Jordan, 1995). Porém, foi com a expedição de Estreito de Torres com Alfred Haddon que vamos ter a primeira exploração de cunho antropológico com a utilização

---

<sup>2</sup> Todavia, estas descrições já aconteciam pelos missionários e os viajantes. Mas foram os evolucionistas que embasaram estas descrições com um viés científico pautado no evolucionismo.

<sup>3</sup> As principais Escolas de Antropologia que desenvolveram-se no início do século XX foram as Escolas Inglesa, Francesa e Americana.

de câmeras filmadoras e fotográficas (Ibdem, 1995), contudo, estas imagens ainda permeavam os conceitos evolucionistas por estudos antropométricos.

Todavia, os pioneiros do relativismo cultural também utilizaram da fotografia. Franz Boas na pesquisas nas Ilhas Bafin e Bornislaw Malinowski na obra *os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922) tem uma importante utilização das imagens na produção etnográfica (Samain, 2000). Mas é só com Margareth Mead e Gregory Bateson com a publicação de *Balinese and Character* (1942) que teremos um estudo antropológico pautado no uso metodológico da fotografia e do filme, interligado com a escrita etnográfica (Samain, 2000), ambos (fotografia e filme) não são pensados como ilustrações das suas pesquisas, mas ferramentas para as análises e descrições do *ethos* balinês. São com estas grandes contribuições de Mead e Bateson que a Antropologia Visual se institucionalizará, posteriormente, substancializada e revisitada por vários pesquisadores e pesquisadoras<sup>4</sup>.

### **A Antropologia Visual e a experiência docente**

No Brasil a história da Antropologia começa no início do século XX, não irei adentrar nesses fatos históricos pois não é o objetivo deste artigo, o que vale aqui ressaltar é que no mesmo período das primeiras formações das Universidades e centros de ensino em Ciências Sociais no Brasil (Laraia, 2014), se inicia o processo de modernização do país e a consolidação da fotografia (Peixoto, 1995). Com as primeiras referências nacionais nos avanços dos estudos antropológicos e técnicos relacionados a fotografia e o filme, ciência e arte se aproximam abrindo centros de pesquisa e novos campos de estudo.

Fruto destes processos é que vão surgir os primeiros laboratórios de Antropologia Visual no Brasil. Apesar de não haver um grande diálogo e aceitação em relação a Antropologia Visual dentro das Ciências Sociais, por considerarem a imagem como entretenimento e não uma ferramenta metodológica e teórica,

(...)algumas sementes começam a dar frutos neste campo ainda pouco explorado. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, um grupo de professores criou o Núcleo de Antropologia Visual e de Documentação (Navedoc), que realiza projetos de pesquisa visual com os estudantes e professores do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais; a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, através do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, acaba de criar o Núcleo de Antropologia e Imagem (NAI), da mesma forma que inscreve no rol de suas disciplinas o primeiro curso de antropologia visual do Rio. Em São Paulo, a Universidade de Campinas oferece um mestrado em Multimeios, um projeto de ensino baseado na metodologia do curso de Cinêma, Télévison et audiovisuel da Universidade de ParisX-Nanterre; na Universidade de São Paulo, o Departamento de Antropologia fundou o laboratório

---

<sup>4</sup> Vários são os autores que ajudaram a discutir os conceitos metodológicos e teóricos da disciplina Antropologia Visual, Marc Piauxt, Claudine De France, Jean Rocuch, Judith&David Mcdougall, Paul Hanley, Karl Heider, John Collier Jr., etc.

de Antropologia da Imagem e do Som. E no Rio Grande do Sul, o laboratório de antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também criou um Núcleo de Antropologia Visual (Peixoto, 1995, p. 78).

Com a iniciativa destes primeiros grupos de pesquisa, eventos científicos, festivais e mostra de filmes etnográficos<sup>5</sup>, se articula uma rede de pesquisadores da Antropologia Visual dedicando-se a formação de disciplinas e cursos voltados para o trabalho da fotografia e o cinema com as teorias e métodos da Antropologia. Esta organização levou a construção do CAV/ABA - Comitê de Antropologia Visual<sup>6</sup>, formada pelas primeiras gerações de antropólogos visuais do país.

Os três grupos coordenados pela primeira geração de antropólogas visuais são: GRAVI/Grupo de Antropologia Visual e LISA/Laboratório da Imagem e Som em Antropologia (USP); Núcleo de Antropologia Visual/NAVISUAL e BIEV/Banco de Imagens e Efeitos Visuais (UFRGS); Imagens e Narrativas/INARRA (UERJ). Os dois da segunda geração: Núcleo de Antropologia Visual/NAVIS (UFRN); Laboratório de Imagem e Registro de Interações Sociais/IRIS (UNB).<sup>7</sup> A diferenciação é importante porque mostra a sedimentação de uns e o desenvolvimento de outros, revelados pelas condições estruturais (salas, equipamentos, equipe, acervos), mas principalmente, pela produção audiovisual incorporada aos trabalhos de conclusão de curso. Ou seja, a formação sistemática de novos pesquisadores neste campo. A partir das teses de doutorado e da inserção institucional destes pesquisadores é possível construir genealogias da antropologia visual brasileira, tendo esses grupos como referência. (Peixoto, 2019, p. 136 e 137)

Com o avanço e aplicação das políticas públicas voltadas a interiorização das universidades federais<sup>8</sup>, campus e cursos de Antropologia vão sendo instalados nas cidades do interior do Brasil. Uma das regiões contempladas com esta interiorização foi a região Nordeste, especificamente o estado da Paraíba na mesorregião do litoral norte nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto. "A UFPB, através do Programa Expandir, elaborou o projeto de criação do Campus IV, Litoral Norte, no ano de 2005. No início de 2006, o MEC aprovou o projeto da UFPB, e o Campus IV foi criado pelo CONSUNI<sup>9</sup>". Dentro do Centro de Ciências Aplicadas a Educação (Campus IV) estava e está incluso o curso de Bacharel em Antropologia<sup>10</sup> com formação em duas habilitações: Antropologia Visual e Social<sup>11</sup>.

---

<sup>5</sup> Grupos de trabalho nas Reuniões Brasileiras de Antropologia, RAM, ANPOCS, REA, Festival Internacional do Filme Etnográfico, entre outros eventos e mostras audiovisuais que surgiram no decorrer do tempo (Peixoto, 2019).

<sup>6</sup> Site do Comitê de Antropologia Visual/CAV-ABA <https://cavantropologiavis.wixsite.com/cavaba>

<sup>7</sup> NAVIS/UFRN criado em 2001 e IRIS/UNB em 2011.

<sup>8</sup> Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implantado no governo Lula (2003-2011) sob a coordenação do então Ministro da Educação Fernando Haddad.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ccae/contents/menu/ccae-1/historico>.

<sup>10</sup> Por estar instalado no espaço de uma antiga fábrica de tecidos e vizinha do território indígena Potiguara, o curso iniciou com o nome *Antropologia e culturas indígenas*, só depois de alguns semestres que se tornou *Antropologia*.

<sup>11</sup> As habilitações são escolhidas no 5º período letivo da(o) estudante.

Após 3 anos de sua institucionalização, no ano de 2009, é construído no campus unidade Rio Tinto<sup>12</sup> o espaço do Laboratório de Antropologia Visual Arandu e no mesmo ano é formado o grupo de pesquisa AVAEDOC (Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários)<sup>13</sup> coordenado pelo pesquisador e professor João Mendonça<sup>14</sup>. A formação do grupo de pesquisa está ligado as trocas "de produções entre núcleos, laboratórios e centros de pesquisa, seja de intercâmbio em eventos científicos, defesas de dissertações e teses" (Eckert; Rocha, 2016, p. 280) que reverberaram na construção e atuação deste centro no curso de Antropologia no interior da Paraíba.

A atuação do campus universitário se estende por todo o vale do Mamanguape e as cidades vizinhas. Sendo morador da cidade de Mamanguape, foi com esta expansão universitária que pude entrar na universidade e me graduar no ano de 2016 no curso de Antropologia com habilitação em Antropologia Visual. Já com a implementação do Programa de Pós Graduação em Antropologia<sup>15</sup>, finalizo o mestrado em 2019. Neste mesmo ano participo do concurso para professor substituto da UFPB campus Rio Tinto, edital nº 72 de 18 de julho de 2019, classificado e aprovado para suprir a vaga específica de um docente da Antropologia Visual, ministrei duas disciplinas *Introdução à Etnodocumentação* e *Antropologia Brasileira*. Quero aqui reforçar, que esta pequena trajetória acadêmica está ligada e é fruto da expansão universitária e da construção de núcleos de estudos em Antropologia Visual no interior.

Desta maneira, antes de adentrar no assunto principal deste trabalho que é a exposição da experiência docente na graduação, numa disciplina de introdução da relação da Antropologia e a linguagem audiovisual, quero destacar um pouco da grade curricular no ano da minha formação<sup>16</sup>, das disciplinas cursadas referentes a habilitação em Antropologia Visual.

Pois bem, cronologicamente foram *Introdução à etnodocumentação*, *Introdução a Antropologia Visual*, *Técnicas e Estéticas do Audiovisual I e II* e *Antropologia Visual I e II*. Estas matérias foram essenciais para o entendimento da trajetória da Antropologia e seu envolvimento com as imagens nas pesquisas etnográficas. Igualmente, elas reverberaram nos

---

<sup>12</sup> O campus é dividido em duas unidades, localizadas na cidade Mamanguape e Rio Tinto.

<sup>13</sup> Site eletrônico do grupo de pesquisa: <https://avaedoc.blog>.

<sup>14</sup> Professor da graduação e pós-graduação do curso de Antropologia da UFPB. Atualmente o professor da graduação Dr. Oswaldo Giovannini Júnior é o vice-coordenador do grupo de pesquisa.

<sup>15</sup> A pós - graduação está vinculada ao CCAE e ao CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) localizado no Campus I - João Pessoa.

<sup>16</sup> Atualmente a grade curricular do curso foi reformulada por uma discussão de retirar as habilitações de visual e social. A proposta é que não se tenha mais as especificações das habilitações, tendo no diploma da(o) graduada(o) apenas a informação de bacharel em Antropologia.

estudos das teorias clássicas e contemporâneas e os diversos métodos antropológicos que foram ensinados durante a graduação nas diversas disciplinas do curso. Foi partindo da experiência como discente na graduação e na pós graduação, que após a classificação no concurso e o primeiro semestre como docente no ano de 2019, na disciplina de *Introdução à Etnodocumentação*, que me propus a formar um plano de aula que desse continuidade as perspectivas de ensino/aprendizagem trabalhadas pelos professores efetivos e temporários que passaram por esta disciplina. De início dividi o plano em 3 unidades: Unidade I *Fotografia e cinema*, Unidade II *Antropologia, cinema e fotografia: paralelismo e possibilidades* e Unidade III *Antropologia Visual*. Ao todo foram 14 artigos a serem trabalhados dentro destas unidades, mais os filmes e fotografias que eram utilizados de acordo com cada temática e discussão textual.

As sequencias dos textos foram pensadas a partir da proposta inicial da disciplina que é propiciar os discentes ao conhecimento básico das tradições de documentação étnica e social que se apoiaram no uso de aparelhos (câmeras e gravadores), abordando a formação da tradição da documentação fotográfica e fílmica na antropologia dentro de um processo histórico das relações entre esta disciplina e a fotografia e o cinema. Tendo como objetivo final dentro do processo avaliativo a realização de um ensaio visual<sup>17</sup>. A seguir farei uma breve exposição dos conteúdos textuais de cada unidade, mais a filmografia utilizada para o letramento visual e a compreensão da formação dos primeiros registros etnográficos, introduzindo os(as) estudantes as primeiras concepções do que seria a Antropologia Visual.

A aula inaugural iniciou com a apresentação da disciplina e a exibição do filme *As bicicletas de Nhánderu* (2011) de Patrícia Ferreira (KERETXU) e Ariel Duarte Ortega, após a exibição discutimos sobre o filme para saber e entender a recepção fílmica da turma<sup>18</sup>. Nos dias que se seguiram iniciamos a *Unidade I* com as seguintes temáticas por aula:

1. História da fotografia e do cinema: primeiras expedições e registros etnográficos.

Nesta primeira discussão textual abordamos Pierre Jordan *Primeiros olhares, primeiros contatos* (1995), mais a exibição das primeiras imagens do cinema e etnográficas: Edward Muybridge, Thomas Edison, Méliès, Auguste Lumière, Alfred Haddon e outros. Discutimos sobre as primeiras expedições antropológicas que utilizaram as imagens (fotografia e vídeo) e a produção dos primeiros registros etnográficos, trazendo um pouco do contexto histórico entre a Antropologia, a fotografia e o cinema.

---

<sup>17</sup> Além do ensaio as(os) alunas(os) fizeram uma prova escrita e apresentaram um seminário.

<sup>18</sup> A maioria das(os) alunas(os) naquele momento não tinham tido contato com o gênero do filme etnográfico.

## 2. Robert Flaherty e o cinema documental e etnográfico

Aqui iniciamos as discussões das transições dos diferentes modos do fazer fílmico até a chegada daquilo que se intitularia como filme etnográfico e documentário, inaugurado segundo Sílvia Da-rin por Robert Flaherty com o filme *Nanook of North* (1922). O texto trabalhado foi *Do Cinematógrafo ao Cinema, Protótipo de um Novo Gênero e Ao Encontro de uma Finalidade Social*. Exibição do filme Nanook e discussão das estratégias de filmagens realizadas por Flaherty e sua aproximação com as perspectivas da observação participante de Bronislaw Malinowski.

## 3. Bronislaw Malinowski e a tradição etnográfica.

Foi assim que partimos para as discussões sobre a relação texto e imagem trazidas por Samain (1995) na revisitação da obra de Malinowski *Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia*. Neste dia fizemos várias observações das fotografias comentadas por Samain, evocando discussões éticas na produção fotográfica quando questionamos a autoridade etnográfica de Malinowski em campo, percebendo suas posições, os olhares dos trobriandeses e os ângulos e enquadramentos das fotografias. Concomitantemente, discutimos a importância das descrições das fotografias que são pontuadas por Samain durante o artigo.

*Introdução à Etnodocumentação* é cursada no 2º período, mesmo semestre que as(os) estudantes estavam cursando *Métodos de Pesquisa em Antropologia*, ministrada naquele momento por Alessa Cristina, a qual vinha discutindo alguns métodos como a observação participante de Malinowski. Para nota final dessa disciplina eles teriam que entregar uma pesquisa de campo realizada em grupo. Foi aí em conversa com a turma, que decidimos realizar um ensaio visual com a temática já escolhida na disciplina de Alessa. Para que nas relações construídas nas pesquisas de campo, eles começassem a pensar como poderiam se inserir com a câmera fotográfica e trabalhar na produção de fotografias. Tendo em vista a necessidade de uma discussão sobre a relação dialógica e ética com os colaboradores de pesquisa, sempre busquei trazer as dificuldades de que é trabalhar com a imagem nas pesquisas sociais.

Ao capacitarmos os(as) alunos(as) de Antropologia para o emprego dos recursos audiovisuais na pesquisa etnográfica não podemos abrir mão da genealogia dos usos de tais recursos na pesquisa antropológica segundo suas diversas tradições de pensamento, seus procedimentos e situações, assim como das representações simbólicas que estão associadas ao lugar da Imagem como fenômeno que participa das produções culturais humanas e suas expressões intelectuais, científicas

e artísticas (artes plásticas, filme, teatro, fotografia, dança e rituais, cantos e contos, etc.) (Eckret; Rocha, 2014, p. 58).

Esta discussão foi bem importante pelas analogias realizadas aos campos de pesquisa dos estudantes e as possíveis adversidades que poderiam ocorrer com um posicionamento autoritário e anti-ético gerado pelo mal uso do aparelho fotográfico. E como isto poderia gerar interpretações errôneas dos contextos aos quais se propuseram pesquisar.

#### 4. Primeiros registros etnográficos no Brasil: Comissão Rondon.

Passando pelos clássicos da Antropologia e as primeiras utilizações da fotografia e do filme nas expedições e pesquisas etnográficas, vamos para o Brasil para compreendermos a chegada da fotografia no país, as primeiras produções de cunho etnográfico e os debates gerados destas produções. Discutimos neste momento o texto de Fernando Tacca *Rituais e festas Bororo. A construção da imagem do índio como “selvagem” na Comissão Rondon* e *O acervo imagético da Comissão Rondon: no Museu do índio 1890 - 1938* de Denise Portuga. Aqui foi o instante de discutirmos ética, perspectivas e intenções por trás da fotografia e suas diferentes utilizações diante dos seus distintos contextos. Como também, as contribuições da comissão Rondon nos primeiros registros dos povos indígenas do país. Para substancializar a discussão assistimos algumas partes dos filmes *Rituais Bororo* (1917) e *Funeral Bororo* (1953) de Major Thomas Reis

#### 5. Primeiros registros etnográficos no Brasil: Missões folclóricas.

Para finalizar a Unidade I paramos nas discussões das missões folclóricas com os textos de Patrícia Cecília *Departamento de cultura de São Paulo na gestão de Mário de Andrade (1934 a 1938) e sua contribuição para a cultura popular brasileira* e de *O acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938-2012* de Carlos Sandroni. Também assistimos o filme *Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade – 1938. Canal Cultura e Arte, Ministério da Cultura*. Deste modo, finalizamos as discussões iniciais do programa.

Na *Unidade II* realizamos quatro encontros, nos dois primeiros conversamos especificamente com dois textos, respectivamente, *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa* de John Collier Jr. e *Risco do texto e imagem – Em torno de Balinese Character (1942)* de Gregory Bateson e Margareth Mead de Etienne Samain. Esses textos foram essenciais para as(os) alunos perceberem os diferentes modos de produção das fotoetnografias, as complementaridades entre texto e a imagem e como poderíamos construir



as futuras pranchas fotográficas<sup>19</sup>. As reflexões entre texto e imagem (Samain, 1995, 2000) e suas implicações éticas (Tacca, 2002), foram base para pensar a produção dos ensaios visuais.

Nesta ocasião fizemos inúmeras discussões sobre o andamento das suas pesquisas na disciplina de *Métodos e Pesquisas em Antropologia* e como poderiam utilizar o aparelho fotográfico e produzir fotografias nos respectivos contextos de pesquisa explanadas pelas(os) discentes. Esta conversa foi muito importante para começarem a produzir suas fotografias.

É importante salientar que a disciplina de *Métodos e Pesquisas* possibilitou a aproximação com os colaboradores dos seus contextos etnográficos, dando condições de uma aproximação e produção ética da fotografia. Neste sentido, nos dois últimos encontros, fiz uma aula prática onde realizei uma mini-oficina de técnica e prática fotográfica<sup>20</sup>. Após a oficina exibi o filme *Henri Cartier - Bresson - L'amour tout court* e fizemos breves discussões sobre o fotógrafo e suas perspectivas. Já no último encontro pedi que alguns estudantes trouxessem algumas fotografias já produzidas durante seus campos de pesquisa para fazermos observações coletivas num processo colaborativo. Após as discussões exibi o filme *Janela da alma*, direção João Jardim e Walter Carvalho, discutimos o filme e finalizamos a *Unidade II*.

Já na *Unidade III* tivemos um impasse, teríamos 4 encontros presenciais, mas devido ao início da pandemia e o estado de quarentena e isolamento social decretado pela OMS (Organização Mundial de Saúde), os decretos federais, estaduais e municipais. Só pudemos ter duas aulas trabalhando os respectivos textos, *O fotógrafo Curt Nimuendaju: Apontamentos de antropologia visual no Brasil* de João Mendonça e *Em busca do olhar virgem: a propósito da fotografia de Pierre Verger em torno do mundo* de Jerome Souty. Os outros dois encontros foram cancelados e foi pedido apenas os fichamentos dos textos da Clarice Peixoto *Antropologia visual no Brasil e Pesquisa fotográfica e fílmica no litoral norte da Paraíba* de João Mendonça. Foi indicado também que as(os) discentes assistissem o filme *Passagem e Permanência: Três ensaios do 07 de setembro em Rio Tinto*. (2012), direção de João Mendonça.

Com o trabalho dos textos, a exibição dos filmes e as análises fotográficas finalizamos a disciplina e os últimos encaminhamentos para a produção do ensaio visual. Já decidido nas aulas e em diálogos com os próprios estudantes, a estrutura do ensaio ficou da seguinte maneira: Título, texto introdutório de no máximo uma lauda e meia, fotografias<sup>21</sup> e

---

<sup>19</sup> A partir do texto de Etienne Samain buscamos um entendimento e um padrão de como poderíamos produzir os ensaios visuais. Para isso, observamos várias fotografias e descrições realizadas nas pranchas de Mead e Bateson.

<sup>20</sup> Utilizamos uma câmera Canon T-3, equipamento do Laboratório de Antropologia Visual Arandu.

<sup>21</sup> Foram pedidos de 4 a 8 fotografias por ensaio.

suas respectivas legendas. Desta forma, foram entregues 12 ensaios visuais de diferentes contextos de pesquisas, perspectivas, técnicas e recursos<sup>22</sup>.

**Tabela dos ensaios visuais produzidos na disciplina**

<b>GRUPO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>FOTOGRAFIAS PRODUZIDAS</b>	<b>CIDADE PESQUISADA</b>
Andrey Regy, Roselito Silva, Sérgio Henrique	Entre novos e velhos movimentos: (Re)descobrimo o grafismo em Território Potiguara na Paraíba	9 fotografias	Marcação - PB, Aldeia Brejinho
Djanira Laura, Rayane Vieira, Guilherme da Silva	Festa de São Sebastião em Lagoa de Dentro	6 fotografias	Lagoa de Dentro - PB
Crizelma Ferreira, Mayara Vaiana, Paula de Kassia	Prancha fotográfica	7 fotografias	Rio Tinto - PB
Gabriel Cavalcante, Isabelle Nicole, Maria Teresa, Joyce Samara	O carnaval tradição (urso carnavalesco ou Ala Ursa) como forma de lazer e entretenimento na cidade de Rio Tinto	6 fotografias	Rio Tinto - PB
Gabriel Lucas, Rosimara de Almeida	Quadrilha Junina Encanto Matuto	8 fotografias	Itapororoca - PB
Mônica Cristina, Ludmilly Cabral	Sem título	6 fotografias	Baía da Traição - PB, Aldeia São Francisco
Bernardo Almeida, Maria Carolina	Luta, Política e Resistência: O cotidiano na residência universitária	7 fotografias	Rio Tinto - PB, Campus IV da UFPB
Monique Fernanda, Maria do Socorro	A real finalidade da criação do Parque de Dois Irmãos em Recife	8 fotografias	Recife - PE

<sup>22</sup> Em alguns ensaios os alunos trabalharam no monocromático, como também, utilizaram as câmeras dos seus celulares.

Daniel Marques, José Luan	A Capoeira como expressão de cultura e entretenimento	10 fotografias	Guarabira - PB e Campina Grande - PB
Wallison Andrade	A Aldeia Moderna	5 fotografias	Rio Tinto - PB, Vila de Montemor/Aldeia Montemor
Lucas Lima, Thamala. Michelly	Prancha fotográfica	6 fotografias	Rio Tinto - PB - Campus IV da UFPB
Thayrinny Barbosa, Dilma Medeiros, Luana Fidelis, Beatriz da Silva, Shirlene Pereira	Os Potiguaras e suas Histórias, narrativas e suas lendas	6 fotografias	Baía da Traição - PB, Aldeia Akajutibiró

A experiência e o planejamento das aulas revelaram que o trabalho com a linguagem fotográfica e fílmica possibilitaram um maior entendimento dos conteúdos teóricos, metodológicos e históricos apresentados na disciplina. O objetivo era discutir os textos e posteriormente observar registros etnográficos, documentários e filmes etnográficos que aflorassem as discussões permitindo a interiorização do conteúdo programático oferecendo ao alunado os conhecimentos das pesquisas antropológicas e as primeiras utilizações das linguagens audiovisuais nos diferentes contextos antropológicos, históricos e tecnológicos. Percebe-se, assim, uma grande potencialidade da linguagem audiovisual no processo de ensino/aprendizagem das(os) discentes, quando as fotografias e os filmes exibidos forneceram conteúdos técnicos, estéticos e antropológicos para a formação em Antropologia e a introdução a Antropologia Visual, os quais facilitaram a produção dos ensaios visuais.

É neste sentido que surgem questões que estão associadas a relação difícil entre texto e imagem (Novaes, 2009) dentro das Ciências Sociais e nos seus programas pedagógicos.

Qual seria, pois, o potencial específico dessa (sub)área para transcender os circuitos restritos da intelectualidade através do exercício criativo da linguagem audiovisual? Ou permaneceria a Antropologia Visual à margem das correntes principais que organizam as atividades e produções acadêmicas no âmbito das ciências sociais? (Mendonça, 2016, p. 12).

Estas são reflexões complexas que já foram debatidas por diversos autores (Eckert, Rocha, 2014; Ferraz, 2014; Mendonça, 2014; Peixoto, 2014), mas sempre será necessário reafirmar essa dimensão, para cada vez mais praticarmos e utilizarmos a linguagem visual nos centros de ensino antropológico. Embora os fundamentos, os clássicos e os autores contemporâneos da Antropologia foram essenciais para a formação<sup>23</sup>, os diversos escritos visuais<sup>24</sup> trabalhados nas disciplinas ligadas a habilitação visual do curso de bacharel em Antropologia, tornaram-se fundamentais antropológica e pedagogicamente à experiência da docência na disciplina de *Introdução à Etnodocumentação*<sup>25</sup>.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a 'o-posição' (nossa maneira de opormos), nem a 'im-posição' (nossa maneira de impormos), nem a 'pro- posição' (nossa maneira de propormos), mas a 'ex- posição', nossa maneira de 'ex-pormos', com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se 'expõe'. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (Bondía, 2002, p. 25 *apud* Ferraz, 2014, p. 38).

Foi a experiência de uma pequena trajetória acadêmica possibilitada pela expansão e interiorização das universidades no país, a institucionalização da Antropologia Visual no interior da Paraíba, mais as discussões no grupo de pesquisa AVAEDOC que permitiram uma proposta pedagógica através da experiência da linguagem visual e escrita. A docência foi um momento de experimentação de ensinamentos, onde o aprendizado se deram a partir da vivência do professor e as bagagens socioculturais dos(as) estudantes. Portanto, o objetivo aqui apresentado foi expor os caminhos percorridos na disciplina de *Etnodocumentação* e a importância da linguagem fílmica e fotográfica que provocam reflexões dos conteúdos abordados textualmente, facilitando o processo de ensino e aprendizado num curso de Antropologia localizado no interior da Paraíba.

## Referências

COLLIER JR. Jhon. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**. Tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

---

<sup>23</sup> Especifico aqueles que trabalham com a antropologia escrita.

<sup>24</sup> Fotografias, filmes etnográficos, filmes de ficção e documentário.

<sup>25</sup> Como também em Antropologia Brasileira, onde utilizei alguns documentários e filmes etnográficos para discutir conceitos e contextos sociais locais.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha. Experiências de ensino em antropologia visual e da imagem e seus espaços de problemas. (Orgs) FERRAZ, Ana Lúcia; MENDONÇA, João Martinho. **Antropologia Visual: Perspectivas de Ensino e Pesquisa**. Brasília- DF: ABA, 2014.

\_\_\_\_\_. **ANTROPOLOGIA DA IMAGEM NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS FUNDACIONAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE INTERPRETATIVA**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 277-297, jan/jun, 2016.

FERRAZ, Ana Lúcia. Etnografia em filme e ensino de antropologia: apontamentos de sala de aula. (Orgs) FERRAZ, Ana Lúcia; MENDONÇA, João Martinho. **Antropologia Visual: Perspectivas de Ensino e Pesquisa**. Brasília- DF: ABA, 2014.

GONSALES, Patrícia Cecília. **Departamento de cultura de São Paulo na gestão de Mário de Andrade (1934 a 1938) e sua contribuição para a cultura popular brasileira**. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, v. 01, n. 07, 2013, pp. 54-67.

JORDAN, Pierre. **Primeiros olhares, primeiros contatos**. *Cadernos de Antropologia e Imagem / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – nº 1 – 1995*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. p. 11 – 22.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 2003.

MENDONÇA, João Martinho Braga de. **O fotógrafo Curt Nimuendaju: Apontamentos de antropologia visual no Brasil**. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 13, vol. 20(1+2) 121-152 (2009).

\_\_\_\_\_. Pesquisa fotográfica e fílmica no litoral norte da Paraíba. (Orgs) FERRAZ, Ana Lúcia; MENDONÇA, João Martinho. **Antropologia Visual: Perspectivas de Ensino e Pesquisa**. Brasília- DF: ABA, 2014.

\_\_\_\_\_. **O legado de Jean Rouch e a Antropologia Visual no Brasil: algumas notas para histórias ainda não escritas**. *REVISTA O OLHO DA HISTÓRIA*, n. 23 | Novembro, 2016.

NOVAES, Sylvia Cayubi. **Entre a harmonia e a tensão: as relações entre Antropologia e imagem**. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 13, vol. 20(1+2): 9-26 (2009).

SAMAIN, Etienne – **O risco do texto e imagem** – Em torno de Balinese Character (1942) de Gregory Bateson e Margareth Mead. *Revista Significação*, n. 14, p. 63 - 88. 2000.

\_\_\_\_\_. **Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SANDRONI, Carlos. **O acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938-2012**. *DEBATES| UNIRIO*, n. 12, p. 55-62, jun. 2014.

SOUTY, Jérôme. **Em busca do olhar virgem: a propósito da fotografia de Pierre Verger em torno do mundo, 1932-1946**. Em: *Revista Poiésis*, Niterói, n. 12, novembro, 2008.

TACCA, Fernando. **Rituais e festas Bororo**. A construção da imagem do índio como “selvagem” na Comissão Rondon. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002, V. 45 n° 1. p. 187 – 219.

PEIXOTO, Clarice. **Antropologia visual no Brasil**. Cadernos de Antropologia e Imagem / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – n° 1 – 1995. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. p. 75 – 80.

\_\_\_\_\_. Antropologia visual: como transmitir esse conhecimento? (Orgs) FERRZ, Ana Lúcia; MENDONÇA, João Martinho. **Antropologia Visual: Perspectivas de Ensino e Pesquisa**. Brasília- DF: ABA, 2014.

\_\_\_\_\_. **Antropologia & Imagens: O que há de particular na Antropologia Visual Brasileira?** Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 8, n° 1/2019, pag. 131-146.